



ASSIM  
(NA)  
TERRA  
COMO  
EMBAIXO  
TERRA

ANA  
PAULA  
MAIA



Maia, Ana Paula

M184a Assim na terra como embaixo da terra [recurso eletrônico] / Ana Paula Maia. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2017.  
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-01-11102-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

17-41679

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Ana Paula Maia, 2017

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11102-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



# Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

# 1

Pouco havia restado, fossem homens ou animais. Enxadas e foices permanecem largadas nos cantos das plantações ressequidas pela falta de chuva. Um córrego estreito e malcheiroso fornece água, porém mingua visivelmente dia após dia, sugado pelo calor intenso que o evapora e deixa o ar úmido e pesado. Ainda há movimentação no galinheiro e alguns grunhidos na pocilga, o que garante carne na panela para os próximos dias; no mais, a escassez preocupa. Aguardam uma ordem, um comboio que virá buscá-los e levá-los a outra parte, mas a consternação aumenta desde que a comunicação com o lado de fora dos muros silenciou. As linhas telefônicas estão interrompidas há dias, e a última notícia que tiveram é que um oficial há de chegar ao local para uma inspeção final e os conduzirá ao destino seguinte. De acordo com os cálculos, o oficial está atrasado em pelo menos sete dias, e isso aumenta vertiginosamente o sentimento de angústia. Tudo o que fazem é aguardar.

Valdênio abana com o seu chapéu de palha algumas moscas que voejam em torno da carcaça do vira-lata seco, de costelas à mostra. Há dias que se alimentam dele. Morreu doente, com uma úlcera na barriga que se expandiu e o apodreceu gradativamente. O cão lambia a

própria ferida, contemplava com tristeza e algum assombro sua carne definhar. A ferida surgiu pequena, do tamanho de uma verruga, acobreada. Aos poucos, o cão foi se tornando mais quieto e sua euforia com as sobras da cozinha foi diminuindo. Valdênio cozinhava um mingau para o cão, quando este deixou de se alimentar; por tão fraco, sua mordedura fragilizada já não triturava mais nada. Untou a ferida com algumas ervas e pólvora, mas não era o suficiente. Fazia dois dias procurava pelo cão sumido. Morreu debaixo de uma árvore com pouca folhagem. Valdênio pega a enxada caída próximo dali e abre um buraco raso onde coloca o animal esquelético, cobrindo-o com terra.

Ao longe, um homem grita seu nome e acena para ele. Valdênio, ajoelhado, termina de espetar no solo avermelhado uma pequena cruz feita com dois gravetos. Levanta-se e caminha puxando a perna esquerda, apoiando-se numa bengala de madeira.

— Sim, senhor? — diz Valdênio.

— Melquíades quer falar com você — diz Taborda.

Valdênio vira-se para seguir até o escritório de Melquíades, quando Taborda o questiona sobre o cão.

— Vou sentir falta daquele cachorro — comenta Taborda.

— Todos nós, senhor.

— Nunca achei que fosse me apegar a um vira-lata tão vagabundo.

Valdênio conserva-se em silêncio, atento ao semblante doloroso do agente penitenciário. Aguarda que este levante os olhos e lhe dê permissão para ir até o escritório de



Melquíades, agente superior e a maior autoridade dentro dos muros.

— Acho que é isso que acontece com a gente num lugar como este. A gente acaba assim, se apegando a qualquer trapo.

Taborda lança o olhar aguardado por Valdênio, que, apoiado na bengala, caminha devagar em direção à sala da diretoria, localizada no pavilhão central.

Melquíades está sentado à sua mesa, com as mangas da camisa arregaçadas e o botão do colarinho desabotoado. De braços e pés cruzados, parece tão somente aguardar sabe-se lá o quê.

— Pois não, senhor?

— Valdênio, o que temos hoje para o almoço?

— Galinha, senhor.

— De novo?

— É o que temos e...

— Mas e o leitãozinho? — interrompe Melquíades.

— O que tem ele?

— Podemos assá-lo.

— Sim, senhor. Mas o Pablo já matou e depenou a galinha pra hoje.

— Eu estava pensando, Valdênio, podíamos deixar o leitãozinho para o dia em que o oficial chegar. Afinal, precisamos oferecer um almoço a ele.

— Como o senhor achar melhor.

Melquíades dá um pulo da cadeira e bate palmas uma vez. Seu entusiasmo tem se tornado cada vez mais estranho, e a perturbação no seu modo de agir tem afligido a todos na Colônia. Segura Valdênio pelos ombros e olha em seus olhos trêmulos:

— Estou certo, Valdênio, que você fará o melhor leitão assado de todo este maldito lugar.

— Vou me esforçar, senhor.

— Ainda temos aquela aguardente?

— O Bronco Gil ainda tem duas garrafas.

— Ótimo. Faremos um banquete para o oficial.

Solta os ombros de Valdênio com a mesma intensidade com que os agarrou, e este chega a perder o equilíbrio, mas, com a ajuda da bengala, novamente encontra o eixo para se firmar.

— Eu diria também que devemos ter um pouco de música aqui, não acha? Pablo ainda toca aquela gaita?

— O senhor confiscou a gaita.

— Confisquei? Verdade?

Melquíades enruga a testa e se questiona sobre o confisco da gaita de Pablo.

— E você, por acaso, sabe onde a coloquei?

— O senhor jogou do outro lado do muro.

— Joguei? — espalma a mão contra o próprio peito, admirado de sua conduta. — Quando foi isso?

— Semana passada.

Melquíades caminha artiloso até bem próximo de Valdênio, como se surrupiasse os pensamentos do homem.

— E você saberia me dizer o motivo de eu ter confiscado a gaita?

Valdênio mantém os olhos baixos, fixos em sua perna aleijada. Não sabe se diz a verdade ou se responde apenas não saber de nada.

— Se o senhor confiscou, teve suas razões, senhor.

— Ah, muito bem. Boa resposta. Evidentemente eu tive os meus motivos e gostaria de saber: você concorda com os

meus motivos?

Valdênio permanece cabisbaixo.

— Desculpa, senhor. Eu só trabalho na cozinha. Não entendo nada das leis.

— Não falo de leis, homem, falo de justiça. Pablo desacatou a minha ordem. Era necessária uma punição, não concorda?

— Sim, senhor — responde entre os dentes e com um engulho na garganta.

Melquíades posiciona-se na frente de Valdênio. Contraí o rosto e tensiona os olhos enquanto o investiga minuciosamente, sem tocá-lo, apenas o farejando.

— Valdênio, você é o melhor cozinheiro que já tive neste lugar. Temos batata?

— Tem, sim, senhor.

— Não esqueça de deixá-las bem crocantes, você sabe como eu gosto.

Melquíades dá meia-volta e vai se sentar à mesa. Abre a gaveta, puxa algumas folhas de papel e as acomoda alinhadamente numa sequência que para ele tem lógica, mas que para Valdênio é mais uma esquisitice.

— O que você está fazendo aí, preso?

Valdênio abre a boca sutilmente com a intenção de falar, mas emite apenas alguns balbucios, e seu olhar constantemente trêmulo não se fixa em ponto algum. Olha para baixo e recua um leve passo para trás.

— O que temos hoje para o almoço?

— Galinha.

— Outra vez? Vou acabar criando penas. E o leitãozinho?

— O senhor disse que quer assar o leitão quando o oficial chegar.



— Mas é claro, Valdênio. Essa é uma ótima ideia. Fazemos isso. O que está esperando?

— O que, senhor?

— Parado aí... está esperando o quê?

— Nada, senhor. Já estou indo para a cozinha. Com licença.

Valdênio arrasta a perna doente como se estivesse atado a uma bola de ferro. Seu caminhar lembra o flagelo de um prisioneiro, ainda vivendo com relativa liberdade, que nunca se esquece de sua verdadeira condição. Usa uma tornozeleira eletrônica na perna direita. Ela não pesa e pouco incomoda, mas o faz lembrar, assim como a todos os outros neste lugar, que um passo além dos muros da Colônia sua perna explodiria. É impossível ser removida, a não ser pelos agentes que o monitoram. É muito pior do que uma bola de ferro, é uma bomba eletrônica que amputaria seu pé.

Valdênio é velho para um lugar como este. Tem sessenta e cinco anos. Passou a metade da vida encarcerado, atrás de grades de ferro ou em colônias penais como esta, fazendo todo tipo de trabalho. Já deveria estar solto, mas a Justiça o mantém neste lugar. Agora, espera nunca encontrar a liberdade em vida, pois já não há quem espere por ele do lado de fora dos muros. O mundo mudou, e ele também, mas não na mesma sintonia. Valdênio tornou-se mais velho, doente e não muito mais esperto. O mundo recrudesciu. Ser jogado para fora dos muros seria para ele entrar num outro confinamento de sobrevivência e resistência que já não pode mais replicar. Seus primeiros anos de detento foram difíceis; aos poucos entendeu como o sistema funciona. Apanhou dezenas de vezes, teve o

crânio esmagado, o maxilar deslocado, braços e pernas quebrados; por fim, um dia ficou lesionado da perna quando foi jogado da laje de um pavilhão. Nem todas as vezes ele soube por que apanhou, muito menos da última, quando foi deixado para morrer, mas sobreviveu. Seu corpo, moído no inferno, aguarda o fim dos seus dias. Já não questiona mais. Obedece. Cumpre as ordens. Baixa a cabeça e se retira. Apanha, às vezes com motivo, às vezes sem. Por onde passou, derramaram seu sangue. Seu rastro pode ser seguido. Intriga ter sobrevivido durante tantos anos. Pouquíssimos chegam à terceira idade encarcerados.

Valdênio se retira do pavilhão central em direção ao pavilhão oeste, onde ficam a cozinha e o alojamento dos apenados. Taborda permanece sentado no mesmo lugar de antes, à sombra de uma amendoeira, de onde observa Bronco Gil apontar ao longe, com seu arco e flecha pendurado num ombro e uma corda apoiada no outro, puxando algo escuro e pesado atrás de si. Ele caminha sem pressa, desgastado, devido à longa noite que teve, arrastando as botas de couro no chão de terra vermelha e empoeirado. Tem um corte no braço direito. O sangue escorrido sobre a pele secou. Contraí o cenho e repuxa os lábios, deixando os dentes à mostra. Não há nuvens no céu; somente um sol inclemente maltrata tudo o que está abaixo dele.

Taborda ergue os olhos novamente quando já é possível ouvir as pisadas de Bronco Gil. De braços cruzados, suspende o boné e dá um longo assobio.

- Dessa vez você se superou, índio.
- A disgrama deu trabalho a noite toda.
- Vai aonde?